

A VIDA DE SANTO DOMINGO DE SILOS E O POEMA DE MIO CID: UM ESTUDO COMPARADO ACERCA DAS SIMILITUDES E DIFERENÇAS NA CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS

ALVARO, Bruno G. (FSB-OSB/ Pem-UFRJ)

Nesta comunicação abordaremos comparativamente a forma como são apresentadas as virtudes¹ de duas personagens da literatura castelhana medieval do século XIII: Santo Domingo de Silos e Rodrigo Díaz, mas comumente conhecido pela alcunha de El Cid Campeador.

Nossa pesquisa ainda encontra-se em fase inicial de desenvolvimento, as reflexões aqui apresentadas correspondem ao resultado das primeiras leituras sobre a temática que nos propomos a desenvolver no nosso pré-projeto que visa a tentativa de ingresso no curso de Pós-Graduação em História Comparada.

Tal temática nasceu a partir da nossa inserção como colaborador no *Projeto Coletivo Hagiografia e História*.

Coordenado pela Profa. Dr. Andréia Frazão e desenvolvido no âmbito do Programa de Estudos Medievais da UFRJ, este projeto possibilitou-nos o contato com outros pesquisadores e a partir dessa interação novas perspectivas foram surgindo. O texto que se segue apresentará os resultados das primeiras análises sobre como as virtudes destes dois personagens – o clérigo e o cavaleiro – se aproximam.

¹ Alertamos que trabalhamos o enunciado “virtudes” como um emaranhado de qualidades que vão desde a honra até um modo austero de vida. Por exemplo, a castidade, por alguns, é considerada como uma virtude. Desta forma vale associarmos em nossa leitura o enunciado à “adjetivação” dos personagens principais das duas obras analisadas.

As Fontes e seus autores:

I – Gonzalo de Berceo o a *Vida de Santo Domingo de Silos*

Muitos são os estudos biográficos acerca da trajetória de Gonzalo de Berceo, contudo, faz-se necessário apresentar o autor da *Vida de Santo Domingo de Silos*² e as características que consideramos importantes na referida obra.

Graças a análises de documentos notoriais de Castela medieval, autores como Brian Dutton e José María Izquierdo, por exemplo, estabeleceram que Gonzalo de Berceo teria nascido entre 1195/ 1196 ou um pouco antes destes anos. Criado no Mosteiro de San Millán de la Cogolla, provavelmente recebeu ali, na “escola” do mosteiro, sua primeira formação. Segundo Andréia Frazão, apesar de ter sido educado em um cenóbio, Gonzalo de Berceo não se tornou monge, mas optou em seguir a carreira eclesiástica como preste neste mesmo mosteiro.

Face às informações que temos atualmente, graças às pesquisas conduzidas pelos nomes já citados, não cabem dúvidas quanto a caracterização de Gonzalo de Berceo como um homem culto, o que derruba uma das muitas leituras historiográficas sobre o autor como um clérigo ingênuo e com escasso conhecimento do latim, interpretação baseada em uma passagem da *VSD* em que Berceo se autodescreve: “ca non son tan letrado por fer otro latino” (*VSD 2cd*). Manuel Alvar, combatendo tal visão historiográfica, assinala, por exemplo, que: “O hagiógrafo pertence a um mundo culto e nele se instaura” (ALVAR, 1992, p. 30). Ou seja, se Gonzalo de Berceo escreve em língua vulgar não é por desconhecimento ou falta de domínio do latim, mas sim, através dos escritos hagiográficos ter o objetivo de “edificar os crentes” (ALVAR, 1992, p. 31). Este pesquisador ainda ressalta que o caráter de exemplaridade que queriam ter as *vidas de santos* só poderia ser alcançado se contadas popularmente, ou seja, na língua local. O Autor alerta que os versos “Quiero fer una proza en romám paladino/ en cual suele el pueblo fablar con so vecino” (*VSD 2cd*) demonstram tal intuito em Berceo e deixam vazio de significado o verso que se segue, já citado anteriormente por nós.

² Que a partir deste ponto estaremos nos referindo a partir da sigla *VSD*.

Podemos pontuar ainda mais uma característica que corrobora com a idéia de homem culto: As fontes que Gonzalo de Berceo utiliza para escrever suas obras foram produzidas originalmente em latim. A *VSD* foi escrita a partir do texto em latim *Vita Dominici Siliensis*, da autoria do monge Grimaldo.

A *VSD* foi composta por Gonzalo de Berceo, provavelmente, por volta de 1250 e é formada por três livros, que juntos formam uma mensagem coesa e indivisível. Cada um desses livros corresponde a um momento da trajetória de Santo Domingo de Silos: o primeiro começa com seu nascimento e a apresentação das virtudes que caracterizaram sua vida, enfoca ainda seu exílio, resultado direto ao fato do santo não se dobrar aos caprichos do rei Garcia de Nájera que é retratado no poema como uma pessoa sem valores morais; o segundo livro se encerra com sua morte edificante e com sua entrada no paraíso, em grande parte graças a essa vida cheia de atitudes virtuosas e, por fim, o terceiro livro, engrandece ainda mais seu triunfo, pois Domingo de Silos é estabelecido como a ponte que liga Deus aos homens, transformando-o assim em um verdadeiro intercessor. Podemos observar, então, toda uma gradual ascensão por parte da personagem construída por Gonzalo de Berceo, o que comprova a coerência entre os três livros.

Quanto aos aspectos formais da composição do poema hagiográfico encontramos:

(...) versos de quatorze sílabas, divididos em dois hemistíquios simétricos, com acento rítmico na sexta sílaba, e rima consoante. Cada grupo de quatro versos formam uma estrofe, denominada cuaderna via ou tetrásforo alexandrino (SILVA, 1997, p. 3).

As características formais utilizadas por Gonzalo de Berceo na *VSD*, inclusive na *Vida de San Millán de la Cogolla*, são traços também encontrados em outros textos contemporâneos aos seus, como por exemplo, o *Libro de Alexandre*, de autoria anônima. Segundo análise desenvolvida por especialistas, esta unidade formal encontrada nesses poemas demonstra que tais obras “foram fruto da aplicação de uma técnica que não fora desenvolvida por um único poeta, ou ainda por diversos poetas isolados” (SILVA, 1997, p. 4). Como já ressaltamos, Gonzalo de Berceo recebeu sua primeira formação educacional na

“escola” do cenóbio, tendo ali os primeiros contados com o latim e a retórica, tanto antiga quanto medieval. Há uma série de debates acerca da formação intelectual do nosso autor, porém, não é nesta problemática que queremos nos ater, contudo, a princípio, corroboramos com a idéia de que o mesmo tenha estudado na Universidade de Palencia, graças a proximidade formal de seus textos com as obras chamadas de *Mester de Clerecia* que incluem o já citado *Libro de Alexandre*, o *Libro de Apolonio* e o *Poema de Fernan González*, todos de autoria anônima e que foram produzidos neste ambiente. Este é o principal motivo para acreditarmos que tais características formais encontradas nos escritos berceanos são o resultado de seu contato direto com a técnica desenvolvida pelo grupo de poetas que compôs as chamadas obras de *Mester de Clerecia* no âmbito intelectual de Palencia.

II – O Poema de Mio Cid

Quanto ao *Poema de Mio Cid* (PMC), ao contrário da VSD, muito pouco temos em informações sobre o seu autor, já que se trata de um texto de autoria anônima –³ o que era muito comum no período medieval. No entanto, as pesquisas sobre esta fonte, de uma maneira geral, são muito vastas, englobando vários tipos de abordagem que vão do Direito à História.

Alguns pesquisadores divergem acerca da data de composição do PMC, porém, consta no final do manuscrito uma data: “mes de mayo en era de mill e .cc xvi. años” (PMC 3730), ou seja, mês de maio na Era de 1245. Segundo Richard Fletcher (FLETCHER, 1998) e Colin Smith (SMITH, 2001), a era espanhola de 1245 equivale ao ano de 1207 d.C. É lógico que há todo um debate sobre estas datas, mas ao qual não queremos nos ater neste momento. Alguns pesquisadores acreditam que ela corresponde ao dia em que a cópia foi concluída, alguns outros, como, por exemplo, R. Menéndez Pidal, defendem como data da cópia 1307. Contudo, graças a estudos modernos ficou estabelecido os anos de 1200 ou 1207 para a cópia do poema, sendo o primeiro ano fixado como o da composição, provavelmente a partir de alguma outra obra que tratasse sobre Rodrigo Díaz, o que, no entanto, não exclui a originalidade do autor do poema.

³ Colin Smith defendeu por um longo tempo que o autor do poema teria sido Per Abbat (Pedro Abad), já que o mesmo assina o único manuscrito preservado que se tem notícias do PMC, sendo, porém, há atualmente um grande consenso que o mesmo foi seu copista e não o autor original do poema (FLETCHER, 1998).

O *PMC*, em seu estado atual, é composto por 3.730 versos. Sabemos que falta uma folha no início do manuscrito e mais duas no interior, desta maneira podemos supor que o poema em seu estado original tinha, aproximadamente, 4.000 versos ou um pouco menos. O texto está dividido, assim como a *VSD*, em três partes que comumente são denominadas: *Cantar del destierro* (Cantar I), *Cantar de las bodas* (Cantar II) e *Cantar de la afrenta de Corpes* (Cantar III).

O primeiro cantar começa com o Cid partindo para o exílio, juntamente com o seu séquito, por ordem de Afonso VI. O cavaleiro deixa sua mulher e filhas sob os cuidados do abade de Cardeña, dá-se início assim as empreitadas militares do Cid. O segundo retrata suas campanhas na região do Levante e a conquista de Valência e se encerra com as bodas de suas filhas com os *infantes* de Carrión, pelas mãos do rei Afonso VI. O terceiro cantar trata da restituição moral e financeira do Cid, já que suas filhas que foram ultrajadas pelos *infantes* em Corpes por motivo de vingança. O poema se encerra com o Cid atingindo todos os seus objetivos e tendo uma morte tranqüila como governante de Valência. Os três cantares demonstram a gradual ascensão heróica de Rodrigo Díaz.

A narrativa do nosso autor anônimo acende várias discussões sobre qual teria sido a sua formação intelectual. A ênfase como o poeta trata das sutilezas legais, por exemplo, na afronta de Corpes, supera muitos outros poemas espanhóis e franceses que também lidam com temas jurídicos como elementos que valorizam a narrativa. Caracterizamos o *PMC* como um certo tipo de “literatura aristocrático-militar” graças à forma como o autor maneja tal temática, o que o distancia da *VSD*, que tem como característica principal o fato de ser uma obra religiosa. Graças a estas informações, encontradas no poema, podemos sustentar que o autor era, provavelmente, um profissional de Direito, jurista ou notário. Ou, pelo menos, uma pessoa que tenha estudado leis ou, ainda, tido um contato com seu funcionamento em alto nível.

Em alguns momentos, aproximamos e distanciamos os autores e suas obras. Contudo, trabalharemos a seguir a questão das virtudes dos personagens mais especificamente.

O clérigo e o cavaleiro: aproximações

Neste momento, faz-se necessário a apropriação de uma idéia apresentada por Paul Veyne ao discutir “*A natureza lacunar da História*” (VEYNE, 1998). Veyne alerta que as lacunas encontradas na história são preenchidas pelo historiador, ou seja, desta forma, devemos ter a consciência de que a nossa análise deve levar em consideração o intuito dado pelos autores das fontes que utilizamos apresenta um direcionamento específico: a *VSD* tem todo um sentido edificador/ religioso, enquanto o *PMC*, entre outras funções, rememora os feitos de um guerreiro. Assim nos deparamos com uma questão: de que forma estabelecer uma comparação histórica e não uma comparação literária?

Decidimos nos ater, então, na figura de um clérigo e de um cavaleiro, que além de serem os personagens principais das obras, possuem, segundo a perspectiva historiográfica de Georges Duby, funções sociológicas específicas dentro da sociedade medieval. Este historiador analisa o modelo desenvolvido no século XI pelo Bispo Adalberão de Laon, segundo o qual a sociedade medieval estaria dividida, teoricamente, em três ordens: os *oratores* (os que oram), no caso os clérigos, responsáveis por representar a vontade de Deus na terra; os *belatores* (os que guerreiam), que seriam os nobres/ cavaleiros, cuja principal responsabilidade era defender os mais debilitados: a Igreja e a terceira ordem, que era representada pelos *laboratores* (os servos), responsáveis por suprir, através do trabalho, as suas próprias necessidades e as das outras duas ordens. No entanto, não concordamos com esta visão que enfatiza uma sociedade tripartida que foi cristalizada dentro da historiografia medieval a partir da análise de Duby, já que consideramos que a lacuna que separava o clérigo do cavaleiro é deverás tênue. Assim, acreditamos que é correto situar estes dois elementos dentro de um teatro social variante e não em um modelo ideológico arquitetado.

Para demonstrar isto, estaremos trabalhando com a idéia de honra nas duas fontes por nós selecionadas.⁴

Em primeiro lugar cabe expor que entendemos a santidade – ponto que utilizaremos para distanciar os dois personagens – não como uma virtude inata, mas como uma construção. Como um homem ou uma mulher constroem “eles mesmos sua própria santidade operando certas escolhas de vida, praticando certos exercícios espirituais” (BOESCH GAJANO, 2002, p. 449). Tendo múltiplas dimensões, a santidade pode ser vista como:

fenômeno espiritual, ela é a expressão da busca do divino; fenômeno teológico, ela é a manifestação de Deus no mundo; fenômeno religioso, ele é um momento privilegiado da relação com o sobrenatural; fenômeno social, ela é um fator de coesão e de identificação dos grupos e das comunidades; fenômeno institucional, ela está no fundamento das estruturas eclesiais e monásticas; fenômeno político, enfim, ela é um ponto de interferência ou de coincidência da religião e do poder (BOESCH GAJANO, 2002, p. 449).

Além da conceitualização exposta por Boesch Gajano, ainda corroboramos com a tese de que devemos enxergar a construção da santidade através da necessidade e/ou interesse de um grupo ou grupos sociais. Ou seja, através de *relações de poder*. Como veremos mais a seguir tanto Domingo de Silos como El Cid apresentam similitudes que os aproximam a ponto de identificarmos no *Poema de Mio Cid*, características que permitiriam seu protagonista o almejo a santidade, contudo, faz-se necessário um devido cuidado no lidar com essa situação. Por este motivo, interpretar tal fenômeno a partir de *relações de poder* é mais adequado, pois o que separa Domingo de Silos do El Cid não é o fato de um ser santo e outro não, mas o reconhecimento oficial dessa santidade por parte da Igreja.

Santo Domingo de Silos nasceu no início do século XI, em La Rioja. Além de clérigo, foi eremita e prior do Mosteiro de San Millán de la Cogolla. “Após conflitos com o rei Garcia de Nájera, exilou-se em Castela, onde atuou como abade reformador do cenóbio de Silos”

⁴ Ressaltamos que, dentro de nossa análise, a honra figura como uma virtude que adjectiva tanto Santo Domingo de Silos como El Cid. Outras “virtudes” similares foram encontradas por nós, contudo, para esta análise decidimos nos ater apenas a honra.

(SILVA, 1997, p. 3). Após sua morte ganhou fama como santo libertador de cristãos cativos entre os mouros. Fixaremos nosso olhar neste conflito entre o rei Garcia e Domingo de Silos.

O Rodrigo Díaz de Vivar apresentado no poema com os títulos honoríficos de *El Cid* e *El Campeador* nasceu, provavelmente, em meados de 1040, sendo o ano de 1043 o preferido pelos especialistas. Ele pertencia a uma família de *infanzones*, categoria mais baixa da nobreza. Acredita-se que sua família residia na aldeia de Vivar, a poucos quilômetros ao norte de Burgos. Sua trajetória é parecida com a de tantos outros jovens de certa nobreza no período: teve seu treinamento militar realizado dentro da corte do jovem príncipe Sancho, tendo sido ordenado cavaleiro, provavelmente em 1062.

Assim como Santo Domingo de Silos, o Cid foi exilado por um rei, o que é exposto nos dois textos como uma injustiça tanto para um quanto para o outro. A partir deste fato discutiremos a construção da probidade dos dois protagonistas diante da situação do desterro comparando suas atitudes.

Gonzalo de Berceo dedica uma boa extensão do livro I do poema hagiográfico para tratar do embate entre o rei Garcia de Nájera e o santo e é possível nesses trechos observar a presença da virtude de honra⁵ adjetivando Santo Domingo de Silos ante a injustiça cometida contra si e ao mosteiro:

*Puedes matar el cuerpo, la carne maltraer,
mas non as en la alma, reý, ningún poder:
dizlo el Evangelio, que es bien de creer,
el que las almas iudga, essi es de temer.*

*Reý, yo bien te conseio commo a tal señor,
non quieras toller nada al sancto confessor,
de lo que ofreçist non seas robador,
si non, veer non puedes la faz del Criador.*

*Pero si tú quisieres los thesoros levar,
nós non te los daremos, vételos tú tomar,
si non los amparare el padrón del logar,
nos non podremos, rey, contigo baraiar. (VSD 153-155)*

⁵ De certa forma também nos remete a virtude de coragem.

Como podemos observar, a honra, além de exercer papel primordial no retrato do santo que com coragem defende as relíquias e tesouros do monastério, também demonstra o contraponto com o rei que não age com honradez e é sempre retratado por Gonzalo de Berceo como alguém isento de moral. Do choque entre a boa virtude do santo e a falta de virtudes do mau rei desencadeia-se toda a trama que termina com o exílio de Santo Domingo de Silos.

Assim como o clérigo da hagiografia, encontramos o Cid do poema desterrado, segundo o que apresenta o poeta, injustamente. Tanto que, o cavaleiro em nenhum momento culpa seu senhor – Afonso VI – por tal sanção, apenas aceita sua sentença e parte para o exílio. No caso da narrativa hagiográfica o motivo do exílio de Santo Domingo de Silos foi ter enfrentado firmemente o rei Garcia para defender as relíquias do mosteiro. El Cid culpa apenas seus inimigos que, segundo sua voz no poema, colocaram o rei contra seu fiel vassalo:

*De los sos ojos tan fuerte mientras lorando
tornava la cabeça y estava los catando.
Vio puertas abiertas e uços sin cañados,
alcandaras vazias sin pieles e sin mantos
e sin falcones e sin adtores mudados.
Sospiro mio Çid ca mucho avie grandes cuidados.
Ffablo mio Çid bien e tan mesurado:
«¡Grado a ti, señor, padre que estas en alto!
¡Esto me an buelto mios enemigos malos!» (PMC 1cd)*

Contudo, o poeta nos demonstra que a visão do cavaleiro não é a mesma dos que observam sua partida:

*burgeses e burgesas por las finiestras son,
plorando de los ojos tanto avien el dolor.
De las sus bocas todos dizian una razon:
«¡Dios, que buen vassalo! ¡Si oviesse buen señor!» (PMC 3cd
– 16b-20)*

Este trecho demonstra que a honra se manifesta como virtude no Cid pelo fato de, mesmo injustiçado, manter-se fiel ao rei,⁶ enquanto a adjetivação de honra dada a Santo Domingo de Silos se concretiza graças a sua coragem em se manter firme diante do abuso do poder real de Garcia de Nájera.

A honra tem uma função específica dentro dos dois textos, contudo se constroem de formas distintas. O Cid, injustiçado pelo rei, mantém-se fiel vassalo e não culpa seu senhor, mas sim, seus inimigos, desta maneira sua honra é comprovada, inclusive por Afonso VI. Santo Domingo de Silos, não se intimida com o poder militar de Garcia de Nájera, discorda dos atos imorais do rei e ainda o desafia a tomar os tesouros do monastério e, por fim, é caracterizado por Gonzalo de Berceo como: “el confessor onrado”. No entanto, o santo acaba injustamente, graças a falta de virtudes do rei, exilado, contudo, sua honra permanece intacta, pois defendeu firmemente seu convento.

Vale lembrar que a honra exerce um fator primordial dentro da cultura medieval. Pois, como podemos observar, mesmo se manifestando a partir de construções distintas e em obras de abordagens diferentes, a mesma aparece com um valor de adjetivação similar dentro da descrição tanto do clérigo como do cavaleiro, possibilitando suas caracterizações como “homens virtuosos”. Por este motivo trabalhamos a honra como uma das qualificações do enunciado virtude, já que em nossa conceitualização tal enunciado corresponde a um emaranhado de qualidades atribuídas a alguém.

Conclusão

Comparando estas passagens observamos que mesmo o reconhecimento oficial da santidade por parte da Igreja ser o fator primordial para distanciar Domingo de Silos e Rodrigo Díaz, ainda assim, faz-se possível encontrar similitudes que possibilitam a aproximação entre o clérigo e o cavaleiro. Mesmo as obras tendo intuitos específicos e nessa especificidade um distanciamento temático (apesar das duas retratarem, ainda, o embate

⁶ *Que é visto pelo povo como um mau senhor.*

cristãos *versus* mouros),⁷ encontramos nas virtudes o eixo problemático para as hipóteses a serem construídas e desenvolvidas na busca de solucioná-las através da aplicação do Método Comparativo que permeará constantemente a nossa construção analítica.

Como hipóteses iniciais para essa aproximação:

1 – Acreditamos que uma separação radical entre a figura do clérigo e do cavaleiro não se faz possível, já que os dois apresentam várias virtudes comuns dentro dos dois textos distintos, sendo a santidade de Domingo de Silos, reconhecida pela Igreja, a lacuna que os separa. O que vai de encontro com a conceitualização de Georges Duby sobre uma sociedade tripartida.

2 – Mesmo não tendo sido santificado oficialmente, o Cid possui características/virtudes no poema que possibilitariam tal acesso a esta condição. Tanto que há registros, na chamada *Estoria* ou *Leyenda de Cardeña*, que monges de Cardeña criaram um culto em torno de sua figura e centrado em sua tumba, localizada na igreja da abadia do monastério. Eles não foram os únicos, em 1554, Felipe II pediu sua canonização, o processo chegou a ter início, mas foi interrompido mais tarde, não sendo jamais retomado. O que reafirma a necessidade de complementarmos os conceitos sobre santidade de Sophia Boesch Gajano, analisando a construção deste fenômeno a partir de interesses e necessidades que envolvem todo um emaranhado relacionado ao poder. Pois se Rodrigo Díaz dentro de uma obra que não tem um cunho religioso, como é o caso do *Poema de Mio Cid*, apresenta adjetivações comuns ao santo clérigo retratado por Gonzalo de Berceo e, como consta em registros, sua imagem foi apropriada por religiosos que o trataram como santo, nos questionamos: quais seriam os fatores que levaram a Igreja a interromper e não oficializar a continuidade do culto ao Cid?

Referências Bibliográficas **Textos Medievais Impressos:**

Anônimo. **Poema de Mio Cid**. Edición de Colin Smith. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

GONZALO DE BERCEO. **Vida de Santo Domingo de Silos**. Edición de Aldo Ruffinatto. In: _____. *Obra Completa*. Coordinado por Isabel Uría. Madrid: Espasa-Calpe, 1992.

⁷ O distanciamento temático ao qual nos referimos é o intuito e classificação das obras.

Obras Gerais:

ALVAR, M. **Gonzalo de Berceo como Hagiógrafo**. In: GONZALO DE BERCEO. *Obra Completa*. Coordenado por Isabel Uría. Madrid: Espasa-Calpe, 1992. p. 29-60.

BOESCH, Gajano S. **Santidade**. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J. (Org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru/ São Paulo: Edusc/ Imprensa Oficial do Estado, 2002. 2 v. V. 2. p. 449-463.

DETIENNE, M. **Comparer l'imcomparable**. Paris: Seuil, 2000.

DUBY, G. **As Três Ordens ou O Imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1982.

DUTTON, B. **Gonzalo de Berceo: unos datos biográficos**. In: PIERCE, F.; JONES, G. A. (Eds.). *CONGRESO INTERNACIONAL DE HISPANISTAS*, 1, Oxford, 6 a 11 de septiembre de 1962. *Actas...* Oxford: Dolphin Book, 1964, p. 249-254. Texto disponível no endereço: http://cvc.cervantes.es/obref/aih/pdf/01/aih_01_1_022.pdf. Último acesso: 13/03/2006.

IZQUIERDO, J. M^a. **El Tiempo de Gonzalo de Berceo**. Texto disponível no endereço: <http://www.ub.uio.no/uhs/sok/fag/RomSpr/infoberceo/BerceoHistoria.pdf>. Último acesso: 17/01/2006.

SILVA, A. C. L. F. **Literatura e História: Reflexões a partir de um estudo de caso**. In: *Redes*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 14-26, set./dez., 1997.

VEYNE, P. **Como se Escreve a História e Foucault e Revolucionou a História**. Brasília: UNB, 1998.